

# Rádios locais e cidadania – uma perspetiva sobre novas formas de participação dos ouvintes

Luís Bonixe

Escola Superior de Educação de  
Portalegre. C31. CIMJ  
luís.bonixe@gmail.com

**Resumo:** As rádios locais são, ontologicamente, meios de comunicação social de proximidade. Primeiro enquanto emissoras piratas, depois como rádios enquadradas legalmente, sempre procuraram promover a participação e a ligação com as comunidades onde se inserem. No caso português, um conjunto de constrangimentos de ordem económica e até estrutural, tem impedido em muitos casos a prossecução de tais políticas. A migração para a Internet, com as ferramentas que proporciona, pode representar um novo caminho na abertura e pluralidade discursiva. O presente artigo procura refletir sobre essa hipótese através de um estudo de caso de cinco sites de rádios locais portuguesas.

**Palavras-chave:** Rádio local, cidadania, jornalismo participativo

## Introdução

A participação dos indivíduos nos média tem sido um tema frequentemente debatido nos estudos mediáticos e ganhou um novo alento com a emergência das novas tecnologias e particularmente com o acesso generalizado que proporcionam aos indivíduos.

A evolução tecnológica criou um ambiente favorável à participação dos utilizadores nos conteúdos mediáticos. Criou, inclusive, um cenário no qual podemos intervir no espaço público mediatizado sem recurso aos próprios média através, por exemplo, da utilização de blogues ou redes sociais.

Os média tradicionais enfrentam, por essa razão, um enorme desafio que se traduz na necessidade de não perderem o papel de expositores dos acontecimentos do Mundo.

Por essa razão, a crise nos meios de comunicação gerada a partir do fim da exclusividade dos média enquanto espaços simbólicos de debate público, obriga a tomada de medidas que passam, inevitavelmente, pela adoção de políticas e estratégias no sentido de continuarem a ser relevantes num cenário multimediático.

Num tal enredo, a rádio, frequentemente apontada como o meio mais débil, está igualmente a adotar políticas de migração para as plataformas digitais que lhe conferem, segundo Gustavo Cardoso (2011) uma “terceira vida”.

O presente artigo pretende analisar em particular um subsector da comunicação radiofónica portuguesa detentor de um conjunto de especificidades e características: as rádios locais.

O objetivo é analisar o modo como as rádios locais portuguesas estão a atravessar o momento de migração para a Internet, olhando em particular para a sua característica ontológica de proximidade consubstanciada na abertura à comunidade onde se inserem.

Efetivamente, as rádios locais, ou livres como chegaram a ser conhecidas na Europa, representaram, e nalguns casos ainda representam, importantes veículos de expressão do sentir das populações locais, ora tratando os assuntos mais próximos ora abrindo os microfones para a participação direta dos ouvintes.

Ao estarem presentes na Internet, que modificações se registam neste aspeto em

particular da interação com os utilizadores/ouvintes? Que mecanismos/ferramentas proporcionam as rádios locais portuguesas para alargar as possibilidades de participação dos utilizadores?

Estas são duas das questões sobre as quais pretendemos refletir no presente artigo partindo de um estudo de caso de cinco sites de emissoras locais.

## Rádios locais – A génese de um movimento popular

O surgimento das rádios locais, no final da década de 70, é seguramente um dos marcos mais significativos da história dos média em Portugal dos últimos anos.

O fenómeno das emissoras locais teve grandes repercussões na paisagem mediática portuguesa à semelhança, aliás, daquilo que se verificou por toda a Europa com a emergência, a partir dos anos 60 de milhares de rádios livres (Correia, 1996:45).

O aparecimento destas emissoras significou a rutura com uma tradição de monopólio do Estado na tutela do espectro radiofónico.

O movimento das rádios livres é, por isso, legitimamente considerado como a consolidação do processo democrático dos Estados. Vejam-se os casos português e espanhol, onde o movimento só floresceu depois da queda dos respetivos regimes ditatoriais.

As ideias de Eco, Guatari ou Brecht de «devolução» dos média às comunidades encontra no fenómeno de criação das rádios livres um dos seus expoentes.

Os objetivos das rádios livres passavam, como refere Emili Prado por “dar a palavra às gentes, a todas as pessoas que nunca têm a oportunidade de expressar-se através de um meio para comunicar com os outros” (Prado, 1981:245).

Estas pequenas emissoras motivaram ainda uma forte componente democrática representada através da facilidade de acesso aos média que as caracterizou. Muitas aldeias ou vilas do interior dos respetivos países, antes sem eco das suas vivências nos meios de comunicação social, normalmente centralizados nas grandes cidades, passaram a dispor da «sua» rádio.

As rádios locais representam uma espécie de novo ciclo comunicacional representado pela génese de origem popular do fenómeno.

## Rádios locais e participação

Umberto Eco (1981) insere o movimento das rádios livres numa nova era da liberdade de expressão baseada na palavra direta e de livre acesso, uma vez que permitiam aos vários grupos sociais expressarem-se através de um meio de comunicação social.

Por sua vez, Patrice Flichy (1981) considera que as rádios locais ou paralelas, como também lhes chama, desempenham uma função social que se sintetiza por favorecer uma renovação da vida e das iniciativas locais. A rádio local, segundo esta perspetiva, permite à comunidade conhecer-se melhor.

Efetivamente, as rádios locais sempre se associaram à ideia de democracia na medida em que uma das suas estratégias passava por colocar um conjunto de meios ao dispor dos cidadãos para que se expressassem através das emissoras (Hendy, 2000:195), denunciando situações, criticando ou simplesmente pedindo um tema musical.

Agustín Garcia Matilla (1998) sublinha a importância dos meios de comunicação, particularmente os média públicos e locais, na criação de uma cultura de participação dos cidadãos. O autor fala de uma crise de participação e de como a resolução dessa crise poderia passar pela ação dos meios de comunicação social locais (rádio e televisão) facilitando o acesso dos cidadãos a um tipo de comunicação mais democrático e participativo.

O que o autor questiona é se passados os anos de euforia do aparecimento das rádios livres, o dispositivo colocado à disposição dos cidadãos foi por estes devidamente aproveitado de modo a criar e a formar cidadãos mais participativos no processo democrático.

A questão levantada por Matilla é tanto mais pertinente se se tiver em linha de conta a escassez de mecanismos colocados ao dispor dos cidadãos pelos média de proximidade para que tenham uma participação mais ativa no sistema democrático.

Quando hoje falamos em rádios locais, particularmente em Portugal, observamos

estruturas empresariais débeis, com dificuldades financeiras e de captação de recursos humanos. Por outro lado, muitas rádios locais acabaram por ceder a sua emissão a rádios de maior projeção e cuja política já não passa pela proximidade local.

As rádios locais portuguesas atravessam, por isso, um período de crise económica que se evidencia nas estratégias de programação que em muitos casos se afastaram das comunidades locais.

## Novos média e participação

A emergência das novas tecnologias de informação e sobretudo a facilidade de acesso a um conjunto de dispositivos e ferramentas por parte dos indivíduos criou um novo cenário para a participação dos cidadãos no espaço público mediatizado.

Jay Rosen, num texto publicado online, faz referência à importância da participação como mecanismo de incremento da democracia.

“The more people involved in flying the airplane, or moving the surgeon’s scalpel during a brain operation, the worse off we are. But this is not true in journalism. It benefits from participation, as with Investigate your MP’s expenses, also called crowd sourcing, or this invitation from the Los Angeles Times: share public documents. A far simpler example is sources. If sources won’t participate, there often is no story. Witnesses contribute when they pull out their cameras and record what is happening in front of them. The news system is stronger for it.” (Rosen, 2011)

Efetivamente, aparecem frequentemente novos formatos e ferramentas que apelam à participação dos indivíduos seja na própria construção da notícia seja em forma de espaços para o debate e comentário da atualidade pública (Singer et al. 2011:2).

João Pissara Esteves (2010) defende que a World Wide Web proporciona aos cidadãos a oportunidade de se tornarem mais participativos no processo democrático e assim se constituírem como uma parte do processo de decisão.

“A hipótese aqui formulada ‘limita-se’ a reconhecer que este novo meio reúne condições e atributos que lhe permitem um certo aperfeiçoamento da democracia, se os seus próprios recursos

forem mobilizados para uma comunicação pública e interação social mais fluidificadas e, por conseguinte, politicamente também mais relevantes” (Esteves, 2010:187).

No mesmo sentido, Peter Dahlgren (2011) sublinha a importância dos média, a par de outros mecanismos como o escrutínio popular, para a participação dos cidadãos e deste modo contribuir para a “boa democracia” (2011:17).

O autor reforça a ideia de que a função democrática da esfera pública, hoje fortemente mediatizada, se concretiza proporcionando aos cidadãos a comunicação de que estes necessitam para influenciar a tomada de decisão.

Mas o que verdadeiramente importa, na perspectiva de Dahlgren, é perceber até que ponto os indivíduos estão efetivamente a tomar partido de modo mais ativo neste processo democrático, fazendo assim uso do enorme manancial de ferramentas que lhes permitem atuar no espaço público.

A quantidade de instrumentos e ferramentas colocadas ao dispor dos cidadãos para essa participação no espaço público pode efetivamente aumentar o grau de expectativa em relação a essa influência, mas a verdade, constata Dahlgren é que, para além da participação estar condicionada por um conjunto de outros fatores, sociais, culturais ou simplesmente de oportunidade, verifica-se que à semelhança do que sucede no mundo offline, também no online a participação objetivamente argumentativa e como tal contributiva para a solidez democrática, continua muito reduzida (Dahlgren, 2011:12).

Os novos média concedem à participação dos indivíduos nos média um novo fôlego reavivando a esperança de que essa mesma participação possa tornar os meios de comunicação mais ativos e plurais no que respeita à coexistência de vários discursos e fontes no debate da coisa pública.

Num tal registo, importa avaliar as condições dessa participação e o modo como os média estão efetivamente a torná-la possível. De facto, não será suficiente a possibilidade tecnológica para permitir que a participação aconteça. As condições para essa participação argumentativa e que contribua para a tal “boa democracia”, como refere Dahlgren, implica a

adoção de uma política e estratégias dos média que realmente promovam o contributo dos indivíduos na discussão de assuntos públicos.

## Metodologia

O presente artigo parte de dois pressupostos teóricos. Um primeiro que considera a rádio, e em particular as rádios locais devido à proximidade que lhes está geneticamente afeta, como um meio privilegiado para a participação dos indivíduos no discurso público. O segundo pressuposto é que as novas tecnologias, e em particular a Internet com as ferramentas que possui, podem facilitar essa mesma participação.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é identificar e refletir sobre as políticas que as rádios locais em Portugal estão a seguir em matéria de renovação dos mecanismos de participação dos seus ouvintes/utilizadores.

Formulámos duas hipóteses de trabalho.

Hipótese 1 – As rádios locais, uma vez online, privilegiam a utilização de ferramentas que promovem a participação nos conteúdos noticiosos.

Nesse sentido, analisámos cinco sites de rádios locais portuguesas com a finalidade de identificar que ferramentas online são colocadas ao dispor dos ouvintes/utilizadores para que es-

tes possam tomar parte da discussão dos temas públicos locais.

Hipótese 2 – As rádios locais registam uma evolução no que diz respeito à utilização de ferramentas online que promovem a participação nos conteúdos noticiosos.

Nesse sentido, a observação dos sites da Rádio Altitude (Guarda); Rádio Antena Minho (Braga); Rádio Elvas, Rádio Horizonte FM (Tavira) e Rádio Nazaré FM foi realizada no mês de novembro de cada ano, desde 2009. O presente artigo compila, por isso, dados de três anos com os quais se pretende contribuir para a compreensão do modo como tem evoluído a utilização de ferramentas interativas nos sites das rádios locais portuguesas.

## Apresentação e discussão de dados

O quadro I mostra como as redes sociais, em particular o Facebook, vieram criar novos espaços para a participação dos utilizadores e ouvintes da rádio. Se a quantidade de ferramentas potencialmente interativas utilizadas pelas cinco rádios analisadas era inexistente em 2009, nos dois anos seguintes verifica-se que esse cenário foi radicalmente modificado com a entrada das emissoras locais nas redes sociais.

**Quadro I – Ferramentas interativas nas rádios locais portuguesas**

		Rádio Altitude	Rádio Elvas	Antena Minho	Nazaré FM	Rádio Horizonte
<b>Observação em 2009</b>						
Site	Comentários	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Observação em 2010</b>						
Site	Fóruns	Sim	Não	Não	Sim	Não
	Comentários	Não	Não	Não	Sim	Não
Redes Sociais	Facebook	Sim	Sim	Não	Sim	Não
	Twitter	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
<b>Observação em 2011</b>						
Site	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não
	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não
Redes Sociais	Facebook	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
	Twitter	Sim	Sim	Sim	Sim	Não

Como se verifica através da leitura do quadro I, todas as emissoras analisadas estão presentes no Facebook e apenas uma não está no Twitter.

As emissoras que analisamos utilizam preferencialmente estas duas redes sociais para a divulgação de espaços da sua programação e nesse sentido acabam por não representar plataformas para o debate de assuntos públicos. No entanto, registámos vários casos em que a colocação, em particular no Facebook, de títulos de notícias locais suscita a participação dos utilizadores. São, no entanto, ainda casos excepcionais embora devam ser realçados.

Vale a pena sublinhar a estratégia da Rádio Altitude, a única entre as que analisamos, que criou uma rede social própria. Através de um registo prévio, os utilizadores são convidados a participar na discussão de temas lançados pela emissora ou a sugerir programas/espaços para elaboração da grelha de programação da rádio. Esta prática tem-se revelado muito útil no que respeita à promoção da interação com os ouvintes/utilizadores, uma vez que por diversas vezes as notícias colocadas online são alvo de comentários na rede social própria da Rádio Altitude.

A possibilidade de comentar as notícias colocadas online continua a ser a ferramenta com maior resistência por parte das rádios locais estudadas. O quadro I mostra que dos cinco sites analisados, apenas a Rádio Altitude coloca à disposição dos utilizadores caixas de comentários. A política das emissoras locais segue, afinal, a mesma estratégia das emissoras de rádio de maior dimensão em Portugal, como a TSF ou a Renascença que só recentemente passaram a incluir caixas de comentários nas notícias que disponibilizam nos sites. A Antena 1, apesar de ser de Serviço Público ainda não dá a possibilidade aos seus utilizadores de comentar as notícias, com exceção da página de Desporto (Bonixe, 2010b).

Tal como se observa na tabela apresentada, as emissoras locais analisadas raramente colocam temas à discussão em Fóruns online. Apenas a Rádio Horizonte o faz.

A observação feita em três anos consecutivos permitiu-nos ainda verificar que outras ferramentas/instrumentos que promovem a participação continuam ausentes

das políticas das emissoras locais com os seus ouvintes/utilizadores, como sejam por exemplo os espaços para o chamado “Jornalismo do Cidadão”. O que melhor se assemelha a esta prática é a possibilidade que as rádios dão aos seus utilizadores para enviarem um mail relatando uma história ou algo que queiram denunciar ou difundir.

## Conclusão

No presente artigo procurámos identificar a presença de ferramentas que potenciem a participação dos utilizadores nas notícias de cinco rádios locais portuguesas.

Pretendíamos com este estudo cruzar a função social desde sempre associada às rádios locais portuguesas e que se traduz na sua abertura à comunidade onde se inserem, com a sua migração para a Internet. Foram analisados os respetivos sites durante três anos consecutivos com o objetivo de determinar a disponibilização dessas ferramentas.

Na primeira hipótese de estudo considerámos que as rádios locais, uma vez online, disponibilizam as ferramentas para a participação dos utilizadores. Deste ponto de vista, a nossa observação revelou que as rádios locais ainda se afastam das potencialidades que a Internet pode trazer em matéria de interação com os ouvintes/utilizadores. À parte das redes sociais, as emissoras não potenciam os comentários, os Fóruns de debate ou até a prática do designado “Jornalismo do Cidadão”. As possibilidades de participação nos conteúdos noticiosos de índole local está limitada às redes sociais, em particular ao Facebook, e mesmo assim não registámos um uso frequente, já que estas plataformas sociais são maioritariamente utilizadas pelas emissoras estudadas para a promoção de conteúdos de entretenimento.

Na segunda hipótese, considera-se que as rádios locais registaram uma evolução no que respeita à disponibilização de ferramentas online que promovem a participação.

A análise efetuada em três anos consecutivos, permitiu-nos perceber que a principal novidade prende-se com a adesão das rádios locais ao fenómeno das redes sociais. Tal como sucede com a generalidade dos média, também estas emissoras locais em

Portugal não resistiram ao Twitter e particularmente ao Facebook.

Em termos gerais, permanece estático o uso de outras ferramentas interativas, como as caixas de comentários, os Fóruns de discussão ou a presença de espaços para o chamado “Jornalismo do Cidadão”.

## Bibliografia

BONIXE, L. (2006). “As rádios locais em Portugal: uma análise do discurso jornalístico”. *Revista Comunicação & Cultura*, n.º 1, pp. 157-166.

BONIXE, L. (2010a). “Legalização, Concentração e Multimédia: Os Desafios das Rádios Locais Portuguesas”. *Revista Rádio-Leituras*. Disponível em: <http://radioleituras.files.wordpress.com/2010/12/radioleituras81.pdf>. pp.187-202.

BONIXE, L. (2010b). “A rádio informativa portuguesa na Internet – o estado da arte”. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/13256>.

CARDOSO, G. (2009). “Da comunicação de massa para a comunicação em rede”. In CARDOSO, Gustavo *et al.* (coord). *Media, Redes e Comunicação*. Lisboa: Quimera, pp. 15-54.

CORREIA, J.C. (1998). *Jornalismo e Espaço Público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

ECO, U. (1981). “Una nueva era en la libertad de expresión”. In BASSETS, Lluís (org.). *De las ondas rojas a las radios libres*. Barcelona: Gustavo Gili, pp. 213-230.

ESTEVES, J.P. (2010). “Novos Media e Deliberação: Sobre Redes, Tecnologia, Informação e Comunicação”. *IC – Revista Científica de Información y Comunicación*, 7, pp. 171-191.

FLICHY, P. (1981). “La explosión del monólogo. Las radios paralelas en la Europa Occidental”. In BASSETS, Lluís (org.). *De las ondas rojas a las radios libres*. Barcelona: Gustavo Gili, pp. 180-188.

HENDY, D. (2000). *Radio in the Global Age*. Cambridge: Polity Press.

HERMIDA, A. (2011). “Mechanisms of Participation: How audience options shape the conversation”. In SINGER *et al.* (org.). *Participatory Journalism – Guarding Open Gates at Online Newspapers*. Wiley-Blackwell, pp. 13-33.

MATILLA, A.G. (1998). “Medios Locales para la Comunicación”. In ESCUDERO, Manuel Chaparro (ed.). *La Democratización de los medios radiotelevisión comunitaria. II Congreso de rádio y televisiones locales, públicas y alternativas*, Sevilla, pp. 194-200.

PRADO, E. (1981). “El Movimiento por la Libertad de Emisión en España”. In BASSETS, Lluís (ed.). *De las ondas rojas a las radios libres*. Barcelona: Gustavo Gili, pp. 237-256.

REICH, Z. (2011). “User Comments: The transformation of participatory news”. In SINGER *et al.* (org.). *Participatory Journalism – Guarding Open Gates at Online Newspapers*. Wiley-Blackwell, pp. 96-118.

ROSEN, J. (2011). What I Think I Know About Journalism. In: <http://pressthink.org/2011/04/what-i-think-i-know-about-journalism/> (Consulta: 12 de maio de 2011).

SILVA, D. (2008). *Rádios locais: O que mudou desde 1989?*. Tese de Mestrado em Jornalismo, Edição Polycopiada. Covilhã: Universidade da Beira Interior.